



## Editorial

Frequentes são as interações, superposições, interseções entre a Filosofia e a Literatura, desde a configuração de gêneros literários eminentemente filosóficos, como os diálogos e ensaios, até a entrada definitiva da narrativa como gênero portador de filosofia, além do tradicional e consolidado tratado.

Neste número, oferecemos vinte e um artigos e ensaios, de até vinte e cinco autores de diversas universidades e centros de pesquisa nacionais e internacionais, redigidos em três idiomas: português, francês e espanhol. Vários e diversos, como as origens dos respectivos trabalhos, são os eixos norteadores dos conteúdos, fruto da ideia central, o conceito de “reflexão” – Walter Benjamin -, o qual propicia a imbricação recíproca – melhor do que articulação – entre o pensar filosófico e o pensar literário, a través das linguagens, e nesse ponto evocamos: língua, imagem, corpo.

Precisamente, o corpo é foco de dois dos trabalhos apresentados. Em “*Body (Text) Art: literatura, corpo e sexualidade*”, Elton Siqueira se debruça sobre o projeto dramático *Body Art*, do pernambucano radicado em São Paulo, Newton Moreno, percorrendo as nulas fronteiras dos gêneros textuais e subvertendo a lei do drama chegando até a proposta de uma leitura da obra de arte sob novos parâmetros. Por sua vez, Fábio Andrade tece uma aprofundada reflexão a propósito da “inclassificável” obra de Georges Bataille (“O prazer do pedaço e da dissolução”), focando as potências irrefreáveis do corpo e o caráter transgressor do olhar.

As fronteiras, as inter-relações e as implicações mútuas entre cinema-literatura são abordadas em “*The Keating Effect* ou de la Littérature comme Thaumaturgie”, de Alain Kerlan e Oussama Naouar, texto em que os autores propõem uma reflexão a propósito da taumaturgia da função de professor de literatura, repensando a questão da literatura e da filosofia. Já, Bongestab e Miranda, em “Intersubjetividade, metaficção, polifonia e intertextualidade em *Elisa, vida mía*, de Carlos Saura, salientam que o filme (1977) e o romance (2004) oferecem uma análise dos recursos intersemióticos dos quais o autor se usa para recuperar a memória individual/coletiva da Espanha através da memória individual dos personagens, por meio das reflexões decorrentes do fato de o filme ser anterior ao romance e não vice-versa como é habitual.

Outras fronteiras, quando se trata da abordagem dos limites entre filosofia, antropologia e literatura são percorridas por Gabriel Torelly, em “O órgão e a língua (Brasil em X)”, ensaio crítico e poético a respeito da natureza da língua e dos limites da linguagem proposicional, teoricamente embasado na zona expressiva interdisciplinar apontada por Deleuze-Guattari, em *Mil platôs*. Essa mesma referência filosófica, e dentro dela, as noções de raiz e rizoma, norteia o artigo de Roniê Rodrigues da Silva e

Maria do Socorro Silva, "Representações da filosofia Deleuze-Guattariana no romance nelidiano *Vozes do Deserto*".

Ao falarmos em reflexão, a figura de Clarice Lispector e seus exegetas não podia ficar fora do elenco das contribuições deste número. Em "Clarice Lispector: nas trevas dos acontecimentos", Cicero Bezerra foca a figura da personagem Martim, de *A maçã no escuro*, investindo no papel da linguagem como lugar de perdição, mas também de acontecimento em que sujeito e mundo se definem dinamicamente. Ricardo Santos David revisita o texto *Mineirinho*, da mesma autora, buscando, a partir dele, depreender uma visão do sujeito à luz de aspectos ligados à psicanálise.

A referência específica de figuras do pensamento filosófico ou de movimentos caracterizadores de épocas nas suas relações com os perfazeres literários está presente numa importante representação dos artigos e ensaios apresentados. Aristóteles é o protagonista das discussões e análises vertidas por Masip e Lira, em "Concepção de discurso e de poder em algumas passagens dos livros *alfa* e *gama* da Retórica de Aristóteles" a partir da definição de retórica como a faculdade de teorizar o que é adequado em cada caso, para convencer ou persuadir mediante o discurso. Por sua vez, Platão, no *Crítion*, e Kafka, em *Na Colônia Penal*, são confrontados por Edson José da Silva a propósito da liberdade, tema caro tanto à poesia quanto à filosofia. A velha questão do que é o esclarecimento é desenvolvida por Eduardo Losso, em "Iluminismo e práxis: redescobrimdo práticas pouco visíveis", texto no qual o autor questiona a demasiada importância dada a um tipo de teoria da práxis advindo do século XVIII que propiciaria, ainda hoje, o esquecimento de certos tipos de prática menos visíveis, privilegiando a ação política de conjunturas globais.

O pensamento de Nietzsche é sujeito protagonista de análise em dois ensaios. Thiago Breunig, em "Modernistas brasileiros, leitores de Nietzsche", situa em destaque o fato de a Escola de Recife ter adotado o autor como referencial para a interpretação do Brasil e da cultura brasileira, o que levou, por exemplo, à reconfiguração de uma leitura contra as teorias raciais associadas a uma noção de progresso da humanidade em que a miscigenação representaria a aclimação da civilização europeia no Brasil. Já Heloísa Helena Correia, em "Reflexões filosóficas e personagens literárias: o comum problema do valor", propõe um diálogo filosofia-literatura entre as reflexões de Nietzsche e as narrativas de Jorge Luis Borges, configurando o problema dos valores em contexto pós-morte de Deus, percorrendo caminhos de mão dupla inaugurados pela extinção do essencialismo e pelo perspectivismo.

Foucault é alvo e referência para alguns dos artigos oferecidos nesta chamada. Daniel Gomes, em "Palavras acariciadas como as crinas dos cavalos: uma poesia filosoficamente selvagem", analisa a poesia de Chagas Levene tomando a questão derridiana da animalidade. A sua poesia selvagem moçambicana remete hoje à contracultura e faz dialogar Derrida com Foucault e Bataille – já mencionado acima, dentre outros. Ainda, o próprio Foucault é colocado frente a Schlegel numa análise comparativa em "Schlegel pós-estruturalista, Foucault romântico", de Jonatas Guimarães, trabalho em que o autor mergulha na pergunta de "o que é a literatura", ligando os apontamentos de ambos pensadores à problematização do sujeito enquanto aquele que tem o controle soberano sobre a linguagem e os saberes.

O filósofo camaronês Achille Mbembe proporciona o conceito "imagens psíquicas" que permitem a Ramon Castellano Ferreira, em "*O Guesa* e a crítica do tempo", adentrar-se no campo do simbólico para oferecer aos leitores do seu ensaio uma

análise dos dois primeiros cantos do épico *O Guesa*, de Sousândrade. Por sua vez, Eduardo Maia Filho trata da dimensão estético-literária e cognitiva da metáfora no pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset em “Metáfora Criadora: uma ponte orteguiana entre Filosofia e Literatura”, onde são traçados caminhos para o estudo da metáfora nas áreas da Estética e da Teoria do Conhecimento.

A presença da Espanha e suas manifestações literárias culmina nosso número com até quatro ensaios. Em “O mito do sábio eremita: A oposição campo / cidade através da Literatura Espanhola”, Poza e Bongestab se debruçam no mito entendendo por tal uma personagem que se situa voluntariamente à margem da sociedade. O tópico, que remete por sua vez à tradição clássica em termos da oposição campo / cidade, é desenvolvido referenciado a obras em destaque da literatura espanhola, das origens até a contemporaneidade. *Dom Quixote*, mais uma vez, está presente nas reflexões filosófico-literárias. Pedro Américo de Farias põe o foco na leitura dos “livros de cavalarias” que lia Dom Quixote para analisar qual foi sua influência no imaginário presente no processo de colonização e ocupação das Américas em “Escarafunchando Quixote: Indícios de sua biblioteca”. O movimento Neobarroco é o tema de análise que desenvolvem Livânia Régia e Juan Pablo Martín no artigo intitulado “Aspectos do Neobarroco em *Zama* de Antonio di Benedetto (1956): Reflexos da identidade Latino-Americana”. Embasados nas contribuições de Sarduy e Calabrese – repetição do fracasso e jogo de oposição – e de Deleuze, chega-se à conclusão da caracterização do Neobarroco através do delírio da literatura como devir e da excentricidade que caracteriza as obras que o conformam. Já o trabalho de José Rubén Contreras Elvira, intitulado “Pecios de Sánchez Ferlosio: movimento centrífugo hacia la verdad”, pretende esboçar algumas das constantes que perpassam a trajetória literária do famoso romancista espanhol e que podem ser caracterizadas como uma “rara coerência”, embora exista a dificuldade – várias vezes apontada pela crítica – em estabelecer e apreender os conceitos ou categorias – estéticas ou poéticas – que definem o conjunto da sua obra.